

História E Resistência: A Mulher Negra Como Protagonista Na Teledramaturgia Brasileira¹

Gabriel Nascimento ROSA²

Michele Pereira DIAS³

Verbena Córdula ALMEIDA⁴

RESUMO

O artigo propõe uma discussão a respeito do protagonismo da mulher negra na teledramaturgia. O objeto de estudo são duas personagens presentes nas telenovelas “Da cor do Pecado” e “Velho Chico”, protagonizadas pelas atrizes Taís Araújo e Camila Pitanga, respectivamente. A discussão presente considera alguns parâmetros, tais como estereótipo, visibilidade e a papel social das personagens na trama. O trabalho busca, com a referida discussão, mostrar como a imagem da mulher negra tem sido representada na teledramaturgia, para evidenciar se, de fato, houve avanço no processo de representação desse segmento, bem como refletir até que ponto um produto audiovisual pode ser convertido em ferramenta educacional e política no processo de manutenção ou desconstrução do racismo.

PALAVRAS-CHAVE: estereótipo; mulher; negra; protagonismo; representação.

INTRODUÇÃO

A representação da mulher negra como protagonista na teledramaturgia é um tema pertinente a ser abordado do ponto de vista imagético e social. Algum tempo atrás essas representações eram totalmente depreciativas, enquanto que hoje já é possível notar novos olhares sobre como esses sujeitos sociais podem ser representados, o que tem gerado certo avanço no que tange, principalmente, à luta contra o racismo. Por esses motivos é importante estudar a trajetória da mulher negra como protagonista, e o modo como, com o passar dos anos, essas mulheres ganharam outras representações. É interessante refletir, também, que esse processo de representação da mulher negra fora dos padrões de objetificação, de

¹ Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC, email: gabriel14tigor@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC, email: michellepereira633@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC, email: profverbenacordula@gmail.com

subalternização inserida nas produções audiovisuais tem, de certo modo, convertido o audiovisual em geral e especialmente a teledramaturgia em ferramenta educacional e política. É importante salientar, porém, que essas novas representações têm sido inseridas, sobretudo, em consequência da luta do movimento negro, o qual combate o racismo também reproduzido através dos meios de comunicação.

Traçar esse panorama histórico de como a representação da mulher negra vem ocorrendo é importante para demonstrar como essa parcela da sociedade não está mais permitindo os modos de representações embasados no racismo, no patriarcalismo e no machismo, frutos de um sistema ideológico implantado politicamente, hoje bastante combatido a partir do fortalecimento da luta pelo respeito à pluralidade. Esse processo acontece, gradualmente, e só consegue ganhar espaço, principalmente, a partir do despertar da população negra acerca da necessidade de produzir para o seu próprio público, de falar da sua realidade e sua cultura. Ainda há muito a modificar, mas o importante é que esse grupo social tem lutado e conseguido resultados positivos nesse processo de direitos civis, de visibilidade e de fala.

Ao considerarmos esse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal mostrar como a imagem da mulher negra tem sido representada na teledramaturgia, para evidenciar se, de fato, houve avanço no processo de representação desse segmento. Para tanto, se baseia na comparação de duas telenovelas que apresentaram mulheres negras como protagonistas, a saber: *Da cor do pecado* (2004) e *Velho Chico* (2016). Foram utilizados 30 capítulos de cada produção, dos quais, cada grupo de dez representa o início, o meio e o final da trama. Para a realização da análise foram estabelecidos como parâmetros as seguintes categorias: presença de estereótipos, visibilidade e função social das personagens.

A telenovela no contexto brasileiro

A telenovela é, sem dúvida, um dos principais produtos midiáticos de sucesso produzidos no Brasil. Surgida na televisão brasileira em 21 de dezembro de 1951, com sua primeira versão ainda ao vivo, a primeira telenovela se chamou “Sua vida me pertence” e foi escrita por Walter Forster e exibida pela extinta TV Tupi. Consagrada desde essa época, as telenovelas sempre foram reconhecidas como um dos audiovisuais que mais costumam

abordar assuntos recorrentes, como hábitos e valores do cotidiano brasileiro. Considerada fenômenos de audiência, e vista por todos os segmentos de sexo e faixas etárias, a telenovela tem como princípio de realização o gênero do entretenimento, e pertence ao formato fundado no folhetim, marcado pela regularidade na exibição de episódios que representa histórias de costumes, intriga e amor.

Não é exagero afirmar que as telenovelas no contexto brasileiro fazem parte da identidade cultural da sociedade e são como espaços que se estruturam através de personagens que representam indivíduos e assuntos comuns, que servem para divertir e, em certa medida, contribuir na construção das subjetividades. As produções mais atuais apresentam em seus conteúdos temas sociais como racismo, o tráfico de drogas, o machismo, a deficiência visual, o alcoolismo, a homossexualidade, críticas à saúde, à educação, aos escândalos políticos, etc..

Tão importante quanto o hábito de acompanhar os capítulos é o grau de informação e envolvimento que a telenovela pode proporcionar à sociedade, pois, ao mesmo tempo em que os assuntos ou vidas de personagens estão em tela nos horários apresentados, eles são comentados nas ruas, em rodas de conversas, em salas de aulas, no trabalho, nas revistas, nos programas de televisão e, mais recentemente, nas redes sociais, onde as pessoas, independentemente de qualquer classificação, acabam envolvidas pela carga dramática que essas produções proporcionam. De acordo com Garcia (2004):

A telenovela, em sua estrutura originária de uma história melodramática, composta por protagonistas, com a visão do amor romântico, mais as questões de cunho social, político e cultural abordadas nas tramas, faz com que ela seja um elemento híbrido que reúna vozes sociais das mais distintas. (GARCIA, 2004, p 25).

De modo geral, pode-se dizer que a telenovela, a depender da sua audiência, pode-se tornar uma vitrine, um espaço de diálogo da Indústria Cultural. Embora a telenovela seja um produto mercadológico, sua propagação é tão abrangente que os temas nelas datados se tornam assuntos de discussão na sociedade, e, não raramente, sugerem que a audiência se deixe levar cada vez mais pelas tendências disseminadas.

A representação do povo brasileiro na telenovela

A televisão funciona como um meio de comunicação que influencia a sociedade. Essa influência reverbera nas mais diversas instâncias, através de comportamentos, regras, padrões, pautas de discussões, entre outras. A telenovela é a representação do real, haja vista que essa verossimilhança ganha cada vez mais força nas narrativas. O processo de construção da telenovela surge a partir de pesquisas que guiam à narrativa e constroem costumes, indumentárias, culturas, entre outros aspectos dos personagens. Essa fonte de conhecimento parte da troca de saberes entre o autor com seu núcleo de pesquisa; e roteiro e os atores sociais. A sociedade funciona como elemento de inspiração para autores como Gloria Perez, Walcyr Carrasco, Gilberto Braga, Manoel Carlos e tantos outros, para quem esse mundo da teledramaturgia constrói fronteiras sutis que limitam esse mundo midiático, bem como são importantes para transmitir conhecimento. Conforme Marques e Lisboa Filho (2015, p. 77) “O âmbito televisivo é responsável por essa construção de mundo, estabelecendo uma perspectiva na mente do telespectador. A partir desse ponto de vista há três possíveis mundos: o real, o ficcional e o lúdico”.

A telenovela tem, atualmente, funcionado como um palco de discussões sobre vários assuntos considerados tabus, até então pouco discutidos. Essas representações explícitas na teledramaturgia são transformadas em roteiros e ganham vida, de modo que grupos sociais desconhecedores de certas realidades passam a conhecer mais sobre as vivências de outros. É interessante pensar que essa veiculação possibilita o contato entre realidades distintas e instiga muitos a construírem uma nova história.

A consolidação da telenovela como o gênero mais popular e lucrativo da televisão está vinculada a uma mudança de linguagem, saudada pelos autores brasileiros com trabalho acumulado no rádio e no cinema (LOPES, 2003, p. 24). Esse modo de produção baseia-se na forma clara do espaço/tempo de acompanhar a conjuntura do âmbito social que constantemente está se renovando e se modernizando, dialeticamente. Essa identificação do povo brasileiro mais com a ficção do que com o telejornalismo, por exemplo, se dá por “essa capacidade *sui generis* de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino estão inscritos no texto das novelas que combina convenções formais do documentário e do melodrama televisivo” (LOPES, 2003, p. 25).

Esse tipo de produção se mantém devido à audiência do público, que muitas vezes decide o tempo de duração da trama e o destino da narrativa. A recepção pelo público pode ser

positiva ou não; entretanto, esse eixo de discussão deve se desenvolver conforme o “termômetro” da sociedade. Conforme Lopes (2003, p. 31), “a força e a repercussão da novela mobilizam cotidianamente uma verdadeira rede de comunicação, através da qual se dá a circulação dos seus sentidos e provocam a discussão e a polêmica nacional.” A partir disso, compreende-se que a sociedade contribui para a construção do gênero novelístico, bem como se caracteriza como um pilar que mantém a veiculação das telenovelas nos horários nobres da televisão.

O papel do negro na teledramaturgia

Até os anos 1970, a telenovela pautava apenas alguns assuntos e deixava de lado muitos outros de grande relevância. Reproduzia estereótipos em suas representações que traziam parâmetros que não condiziam com a realidade da sociedade brasileira. Sendo assim, a representação em suas produções era centrada no monopólio social das classes médias brasileiras, em detrimento das representações dos problemas sociais vividos pela classe trabalhadora, a qual sempre fora tratada sob a perspectiva de casos pontuais.

Nas primeiras telenovelas o negro era retratado como uma “anomalia” à margem da sociedade. E essa concepção era presente na formação cultural do receptor, que herdou esse conceito implantado pela estrutura construída pelo sistema escravista. O negro sempre ocupou papel de subalternidade, como escravizado, empregado doméstico, amante, sempre em segundo plano, longe de protagonizar qualquer personagem, sem contar na pouca visibilidade a ele reservada no espaço midiático.

Echevarria e Silva, (2012, p.4) afirmam que “[...] nesse clima de realismo, nenhuma história levada ao ar na década de 70 mostrou a luta da população negra brasileira pela ascensão social. Personagens interpretados por atores e atrizes negras nessa época tinham pouca importância dentro da história”.

Nos últimos anos essa representação vem sendo reconstruída, devido, sobretudo, ao ativismo da população negra, que se via, e ainda se vê invisibilizada, desrespeitada, inferiorizada. Atrizes como Ruth de Souza foram essenciais para mudar esse cenário. Ela foi pioneira no cinema e na televisão, conquistou premiações importantes, ao lado de atrizes estadunidenses como Katharine Hepburn. Outro exemplo foi o ator Milton Gonçalves na novela *Pecado Capital*, em 1975, que interpretou um psiquiatra “bem-sucedido”.

Na década de 1990 percebe-se um novo olhar em relação como os negros eram representados nos papéis da telenovela, e a novela *Felicidade*, do autor Manoel Carlos, que comumente insere problemáticas sociais nas suas produções mostrou

[...] aos telespectadores personagens bem construídos e não estereotipados, além de apresentar cenas em que personagens negros se defendem com ferocidade e determinação diante de ofensas proferidas por personagens brancos, ao contrário de novelas anteriores onde personagens de raça negra apresentavam postura passiva e submissa quando agredidos física ou verbalmente por personagens brancos. (ECHEVARIA e SILVA, 2012, p.6).

As mudanças têm acontecido, gradualmente, na teledramaturgia; ao passo que a aceitação do público foi favorável para que a inserção do negro assumisse maiores proporções até chegar na interpretação de um negro como protagonista. A atriz Taís Araújo, com a personagem *Xica da Silva*, foi ovacionada pela interpretação do seu papel, na novela do mesmo nome, exibida pela TV Manchete (1997); além disso, o papel representado pela atriz abriu espaço para a valorização da mulher negra, bem como sua visibilidade na Indústria Cultural, o que possibilitou a abertura de certos espaços para suas sucessoras.

Nota-se um avanço, principalmente pela valorização da beleza negra que ganha destaque no cenário midiático; mas ainda não é o bastante, mesmo após mais de 60 anos de história da telenovela brasileira. A cultura negra passou e passa por diversas retaliações no contexto social, pois a representação do povo negro ainda é cercada pelo preconceito explícito nas narrativas, bem como nos papéis os quais representam. O predomínio de atores brancos em relação aos negros ainda é muito grande; outro fator negativo está na inserção da mulher negra na teledramaturgia e, principalmente, quando nos atentamos à coisificação do corpo feminino como objeto da Indústria Cultural.

“Da cor do pecado” e “Velho Chico”: as histórias contadas

A telenovela “Da cor do pecado”, composta por 185 capítulos, foi produzida e exibida pela Rede Globo, no horário das 19 horas, entre 26 de janeiro e 28 de agosto de 2004. É considerada a primeira novela contemporânea da emissora na qual o preconceito racial fora abordado tendo uma mulher negra como protagonista, a personagem Preta, interpretada pela atriz Taís Araújo, uma moça negra, maranhense, que tem um romance com Paco, homem branco, interpretado pelo ator Reinaldo Gianecchini.

O roteiro apresenta desafios em torno do romance entre Preta e Paco, que sofrem ao longo dos capítulos. Preta se apaixona por “Paco”, um rapaz branco e rico, e sofre preconceito racial devido à sua condição de mulher negra, assim como também pelo fato de ser pobre. Na época, a telenovela alcançou grandes números de audiência⁵, devido ao protagonismo de uma atriz negra, que mesmo sendo longe do ideal de representação, trouxe visibilidade para o povo negro no espaço midiático. A telenovela “Da cor do pecado” apresentou, no entanto, de forma muito superficial, a pauta sobre o racismo.

Analisando o título da telenovela, “Da cor do pecado”, e analisando a trilha sonora de abertura que diz “Esse corpo moreno, cheiroso e gostoso que você tem, é um corpo delgado da cor do pecado, que faz tão bem”, podemos perceber o racismo implícito, haja vista que a mulher negra é representada como um “pecado”.

Produzida pela mesma emissora, “Velho Chico” foi levada ao ar entre março e setembro de 2016, no horário das 21h00min. Criada por Benedito Ruy Barbosa e Edmara Barbosa, a direção ficou a cargo de Luiz Fernando Carvalho. A telenovela, que retrata a cidade Grotas do São Francisco, no Nordeste brasileiro, faz menção ao rio São Francisco, conhecido como “Velho Chico”. Como protagonista da primeira fase da novela esteve presente à atriz Julia Dalavia, que interpretou a personagem Tereza; e o ator Renato Goes, que interpretou o personagem Santo. Na segunda fase da novela em que o enredo começa a ganhar força, a personagem Tereza é interpretada pela atriz Camila Pitanga e o personagem Santo pelo ator Domingos Montagner.

A narrativa é construída em cima do romance entre Tereza e Santo. A personagem feminina tenta viver um amor, proibido por seu pai, o coronel Jacinto (Tarcísio Meira), que a interna no convento, onde descobre que está grávida. Durante anos Teresa manda cartas para Sandro, mas a esposa dele nunca deixou que o marido tivesse conhecimento dessas correspondências. Assim, Tereza começa a pensar que Santo não a quer, e cria o filho, sozinha, sem que menino tenha ciência da existência do seu pai.

⁵ “Da Cor do Pecado” Horário: 19h15, Escrita por: João Emanuel Carneiro, Meta de audiência: 35 pontos, Média Geral: 43 pontos, Maior audiência: 51 pontos, Menor audiência: 30 pontos. Disponível em:<
<https://pppaudienciadatv.wordpress.com/2012/03/18/audiencia-detalhada-de-da-cor-do-pecado/>>. Acesso em: 18 de nov. 2017.

Como já ressaltado, o presente trabalho parte de três parâmetros que guiam nossas análises, a saber: presença ou ausência de estereótipos, visibilidade e a função social das personagens negras na trama, a fim de verificarmos até que ponto as representações destas fugiram ou não do padrão historicamente estabelecido.

Estereótipos são generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros, que significa impressão sólida, e pode ser sobre a aparência, roupas, comportamento e cultura. Conforme Silva (2016, p. 2), são criados através de práticas sociais operadas cotidianamente por grupos, ditos civilizados, que ora enfatizam, ora ignoram essas diferenças, negando a identidade dos povos.

Na teledramaturgia, a mulher, em geral, é representada sob vieses carregadas de estereótipos; e, em se tratando da mulher negra, essa característica se torna ainda mais emblemática, pois as representações desta minoria toma outras esferas ainda mais negativas, partindo do pressuposto de que a sua representação na produção novelística se dá, geralmente, através de representações de subalternidade, sexualização e coisificação.

No que se refere ao fator visibilidade, é possível afirmar que alguns indivíduos e/ou grupos sofrem socialmente um processo de invisibilização, inclusive no âmbito midiático. Gays, lésbicas, transgêneros, negros entre outros, ocupam poucos espaços nas mídias, ou quase nenhum no tocante à mídia hegemônica. Segundo Castells (2005), citado por Stasiak (2015, p. 34) “a visibilidade é imprescindível para a sociedade. Ele considera que o espaço midiático domina a mente dos sujeitos que trabalham com base em um mecanismo fundamental: presença/ausência de mensagens na mídia”.

Tratando-se do papel social do indivíduo, é plausível afirmar que este determina como se dá sua recepção frente à sociedade. “O papel social define a estrutura social, basicamente como um conjunto de normas, direitos, deveres e expectativas que condicionam o comportamento humano dos indivíduos junto ao grupo ou dentro de uma organização” (MARTINS, 2010, p. 43). No âmbito da teledramaturgia, quando nos deparamos com papéis atribuídos a personagens negros e negras, percebemos que algumas mudanças vêm ocorrendo, mas com pouca frequência. Em geral, os papéis sociais desses personagens ainda estão diretamente ligados à concepção do negro enquanto irrelevante, insignificante socialmente.

A construção da personagem negra em “Da cor do pecado”

No começo de “Da cor do pecado” os estereótipos aparecem através dos padrões já estabelecidos pela sociedade sobre a mulher negra. “Preta” é uma mulher pobre, “mãe solteira”, passa a ideia de uma nordestina através do seu sotaque, e, para completar, com pouco estudo. Em termo do papel apresentado, é ressaltado o preconceito racial, que direciona toda a construção representativa. A personagem carrega subjetivamente o racismo velado através do discurso do próprio núcleo negro da telenovela. Logo no terceiro capítulo da trama, em uma cena na qual Preta está triste pelo fato de seu romance com Paco não ter dado certo, a mãe dela, Dona Lita (Solange Couto) deixa escapar, explicitamente, um discurso preconceituoso: “Não fica triste assim, não [...] Eu avisei pra você que ele não ia voltar filha, foi melhor assim [...], se voltasse ia querer brincar com você, te fazer sofrer, te fazer de escrava dele, depois ia te dispensar; ah! Filha, quem não quer uma pretinha ajeitada que nem você?; depois, é com as brancas que eles cansam”. Essa conversa, sobretudo a resposta da mãe à filha, demonstra o preconceito, ainda que por consequência da memória da experiência vivida.

No quarto capítulo outro diálogo deixa evidente o preconceito existente na própria personagem Preta, quando desacredita que um homem branco possa se apaixonar por ela, uma negra. Nesta cena, com Paco, ela questiona: “Mas o que alguém como você pode querer comigo de verdade?”. Revela-se, nesta cena, um preconceito remanescente nela mesma, em consequência de toda a carga de preconceito vivida pelas pessoas negras, sobretudo as mulheres, quando demonstra o medo de viver aquela relação inter-racial. A personagem, com o referido discurso, reforçado a ideia de que um homem branco jamais deve se relacionar com uma mulher negra.

No meio da trama o desenvolvimento do personagem, no espaço cênico, continua baseado no preconceito racial, mas, agora, expressado não mais pela própria personagem ou pelo núcleo negro da telenovela, e sim pela personagem Bárbara (Giovana Antonelli), uma mulher loira, que faz de tudo para ficar com a herança de Paco. Bárbara usa sempre palavras pejorativas ao se referir a Preta e seu filho: “negrinha”, “negrinho”, “mulata”, “crioula”. “Em uma cena do capítulo 90, por exemplo, Barbara, ao encontrar seu filho “menino branco” brincando com Ray, “menino negro”, filho de Preta, diz: “O que é isso Otávio? Toma vergonha na cara. Vai, agora, dando confiança pra esse negrinho? Vamos embora”. As

palavras de Bárbara deixam explícito o uso da cor de Preta, e de seu filho Ray como forma de humilhá-los; traz a percepção de que ser negro é ser algo ruim.

Outra forma de percepção do racismo na construção da personagem Preta é a utilização de trocadilhos, como, por exemplo, “não vai querer ver a Preta nem pintada de branca”, o que acaba se perpetuando, até a fase final da novela, pois Preta continua sendo vítima das armações por não ser aceita como ex-namorada de Paco.

No início da narrativa, a personagem aparece cerca de 2 a 4 vezes no capítulo diário, tendo assim, uma visibilidade boa no início da narrativa. Ela está envolvida com as histórias dos outros personagens da trama, já que é protagonista; conseqüentemente, é mais explorada imageticamente, diferentemente do que aconteceria se a mesma estivesse representando outro papel. No desenvolvimento da trama, a visibilidade cresce pelo fato de as histórias dos outros núcleos já terem sido apresentadas, dando espaço maior para os desdobramentos do romance entre Preta e Paco, com aparições de 3 a 4 vezes. Do capítulo 90 até 100, a visibilidade de Preta gira em torno das intrigas e armadilhas que Bárbara faz contra ela, por causa do dinheiro de Afonso Lambertini (Lima Duarte).

Na última fase da trama o dilema do núcleo da personagem começa a se resolver, e sucessivamente, a visibilidade de Preta é dividida com os outros personagens; ela aparece entre 2 a 5 vezes até o capítulo final, onde acontece sua visibilidade maior. A função social de Preta, nos primeiros capítulos, é de uma moça pobre, que trabalha como feirante vendendo ervas em uma barraca, junto com sua mãe. A partir dessa conjuntura podemos perceber o velho padrão em que o povo negro costuma ocupar nas telenovelas, papéis secundários, marginalizados e de subordinação às classes médias representadas por atores brancos.

Outro ponto observado que faz parte da função social representativa da personagem é o fato de ela somente ser reconhecida pelo apelido “Preta”, ao passo que os demais personagens possuem sobrenomes como, “Afonso Lambertin”, “Paco Lambertin”, “Bárbara Campos Sodré”, etc., característica bem marcada quando se trata de personagens interpretados por negros nas telenovelas”.

A construção da personagem negra em “Velho Chico”

Nos primeiros capítulos a atriz não tem visibilidade, pois a narrativa se desdobra em mostrar a situação pela qual a protagonista vem a nascer. Ela só aparece como bebê do 8º para o 9º capítulo. Logo assim que Tereza nasce a sua mãe morre no parto, a partir disso ela é criada pela avó e pelo pai, sendo herdeira das terras da família.

Após ter sido internada no convento, Tereza tem um casamento arranjado com um político e volta para sua terra natal, ela vive uma fase onde seu casamento define após reencontrar seu amor, Santo. Tereza tem um papel de destaque importante na sociedade e como protagonista, têm uma figura imponente, formação escolar e sua situação financeira boa. Comumente vemos na teledramaturgia características como essas quando se trata de uma mulher negra. A atriz Camila Pitanga interpreta uma empresária nessa nova fase, determinada a enfrentar as figuras masculinas que tentam lhe impedir de algo. Evidentemente ela se destaca por ser uma mulher de vigor.

O político, marido de Tereza, tenta abusar dela, mas a mesma não se cala diante da situação, e resolve definitivamente se separar. Esse tipo de situação a qual é representada é recorrente na sociedade, entretanto a atitude da personagem denota uma parcela pequena de mulheres que tomam essa atitude, enquanto a outra parcela que sofre agressões e tantas outras violências de seus cônjuges acaba sendo silenciadas por medo ou algum sentimento parecido, que segundo Dias (2017, p. 246)

Tal pode estar associado às dificuldades de resposta por parte do sistema jurídico-legal e criminal face ao avolumar da criminalidade em geral, e não só da violência doméstica; à complexidade do fenômeno ou mesmo à negação, pela sociedade, de existência de violência entre indivíduos que fazem parte da mesma família, pondo em causa o mito desta enquanto lugar seguro e dos afectos. (DIAS, 2017, p246).

Contudo a telenovela retrata de uma forma bastante incisiva a reação da personagem ao tentarem reprimi-la, o que gera uma reação peculiar do ponto de vista social e que difere do que comumente presenciamos na cultura brasileira.

Nos capítulos do desenvolvimento da trama a atriz aparece na sua fase adulta, onde estivera voltado do convento, porém agora casada com um político e com o seu filho, Miguel. Nesse descortinar da narrativa ela se configura como uma empresária, que volta para cuidar das terras da família juntamente com seu filho agrônomo. São perceptíveis características de

uma mulher madura e autônoma, que não se sujeita a homem e enfrenta-os, sem medo. Nessa fase ela reencontra Santo, eles voltam a se relacionar as escondidas, pois os dois seguiram caminhos diferentes e construíram uma família.

A representação da personagem Tereza em “Velho Chico” expõe uma discussão sobre os estereótipos que são impregnados às protagonistas negras, realçando que pode haver uma reconfiguração, a partir de uma mulher negra retratada como uma mulher de posição social atuante, sem que precise descaracterizá-la, ou objetificá-la atribuindo realce à sexualidade do seu corpo para ganhar audiência ou “emplacar” a personagem.

Na fase final da telenovela, a Tereza já revelou a paternidade do seu filho, encontra-se separada do seu marido político, que criou uma obsessão por ela e tenta de várias formas atrapalhar seu romance com Santo. A personagem, que nessa fase já passou por vários conflitos, continua determinada e finalmente casa com Santo, vivendo a história que foi embargada no começo. Entretanto, a forma como a atriz representa o papel, revela uma reconfiguração da representação da mulher que se envolve com homem casado – geralmente caracterizada com nomes depreciativos. Em vez disso, fica explícita na personagem Tereza, o papel de uma mulher empoderada que foi privada de fazer várias coisas durante sua vida.

A visibilidade da protagonista negra na telenovela é bem incidente no decorrer da trama. Ela aparece tanto quanto os papéis reservados a atores brancos, configurando uma equidade de aparição dentro da trama. Em relação ao estereótipo percebe-se que ela não é retratada a partir de sua sexualidade, assim como a composição de caracteres que denota sua posição social é construída a partir de outro viés social, que foge do comum no que tange a mulher negra a papéis sociais subalternos e/ou irrelevantes. Dentro dessa narrativa, personagem negra é uma mulher rica, filha de um coronel, instruída e autônoma, no sentido que percebemos traços feministas na sua personagem; este é um fator importante, quando comparamos as representações das mulheres há algum tempo e vemos os papéis a elas destinados, sobretudo uma mulher negra.

No final da trama, Tereza de Sá Ribeiro está em conflito no seu casamento e, após o seu marido tentar abusar dela, resolve, definitivamente, se separar, ficando livre para viver o antigo amor. Dentro dessa narrativa, personagem negra é uma mulher rica, filha de um coronel, instruída, autônoma, no sentido que percebemos traços feministas na sua personagem; este é um fator importante, quando comparamos as representações das mulheres

há algum tempo e vemos os papéis a elas destinados, sobretudo uma mulher negra, que, na teledramaturgia, sempre esteve longe de protagonizar uma mulher sem sofrer características machistas dentro da narrativa, assim como as diversas situações em que elas são expostas a representar.

Considerações finais

A definição dos parâmetros utilizados para essa análise denota as diferenças entre as duas representações da mulher negra como protagonistas de telenovelas, pois, em “Da Cor do Pecado” o preconceito racial foi aproveitado como monte para a construção da história da mocinha na trama e, conseqüentemente, determinou um conjunto de estereótipos seguidos comumente como modelo para a maioria dos papéis interpretados por mulheres negras em telenovelas: as personagens têm que ser pobres, subalternas e, ao se relacionarem com personagens interpretados por atores brancos, sofrem preconceitos.

Sendo essas personagens a “representação” do real, onde enfrentam diariamente dilemas, estigmas sociais intrínsecos na sociedade, se comparado à representação de protagonistas interpretadas por mulheres brancas. Isso evidencia que o campo da teledramaturgia ainda precisa ser representado a partir de outras perspectivas para que assim possa retratar sem ênfase nos estereótipos e/ou invisibilização social as chamadas minorias. No caso da representação da mulher negra como protagonista em “Velho Chico” podemos perceber uma retratação mais digna, revelando possíveis abordagens do papel de uma negra na sociedade atual. “Tereza” como uma personagem de família rica em comparação a Preta uma mulher pobre e feirante.

A partir dessa discussão podemos perceber algumas mudanças como o nome das personagens. Em “Da cor do Pecado” a protagonista é chamada de “Preta”, enquanto que na telenovela “Velho Chico” a protagonista tem um renomado nome, sobrenome - “Maria Tereza de Sá Ribeiro”. A representação da mulher negra na teledramaturgia cresce gradualmente e é resultante de muita luta dos movimentos sociais que têm traçado um caminho firme na reivindicação da representação midiática do negro e da negra a partir de perspectivas afirmativas.

REFERÊNCIAS

ARONCHI, J.Carlos. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo – SP, Summus editorial, 2004.

CAMPOS, Luiz Augusto; JÚNIOR, João Feres. **“Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985–2014)**. Plural (São Paulo. Online), v. 23, n. 1, p. 36-52, 2016.

DA SILVA, Eunice Gomes. **Amazônia: Mídia e estereótipo**. Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, n. 1, 2016.

DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **TELENOVELA BRASILEIRA: UMA NARRATIVA SOBRE A NAÇÃO**. 2003

ECHEVARRIA, Felipe Rodrigues; SILVA, Veronice Mastella. **De coadjuvantes a protagonistas: a representação da população negra na teledramaturgia nacional**. Local: nome da Editora, 2012.

FERNANDES, M. V.; DOS SANTOS, S. **Merchandising: a sua relevância nas telenovelas brasileiras, com ênfase na Rede**. In: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Boa Vista: Brazil. 2008.

FRANÇA, Vera e SIMÕES, Paula. **Telenovelas, telespectadores e representações do amor**. ECOPOS, v.10, n.2, julho-dezembro 2007, p. 48-69.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. **O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações**. Estudos em Comunicação, n. 11, p. 185-204, 2012.

ISABEL, Dias. **Violência doméstica e justiça**: respostas e desafios. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 245-262

MARQUES, Darciele Paula; LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. 7. **A telenovela brasileira**: percursos e história de um subgênero ficcional. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 1, n. 2, 2015.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. **Telenovela como recurso comunicativo**. Matrizes, v. 3, n. 1, 2009.